

Os papéis temáticos no Português Brasileiro (PB): algumas reflexões sobre o Agente e a questão do verbo “dormir”

The thematic roles in brazilian-portuguese: general thoughts on Agent and the issue of the verb “dormir”

Luiz Alexandre de Oliveira FREITAS*

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (FL-UFG)

Gláucia Vieira de Cândido**

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (FL-UFG)

Mário André Coelho da Silva***

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (FL-UFG)

RESUMO: Considerando as relações entre vertentes científicas da Linguística, este artigo tem por objetivo apresentar uma breve reflexão acerca do modo como três perspectivas linguísticas diferentes - a saber, a Gramática Tradicional (Mateus et al., 2003), a Linguística Gerativa (Chomsky, 1957, 1981) e a Linguística Cognitiva (Langacker, 2008) - abordam descritiva e analiticamente a questão dos papéis temáticos ou semânticos nas línguas naturais. Para a realização deste trabalho, inicialmente, foi feita uma breve revisão bibliográfica dos conceitos ‘papéis temáticos’ e ‘agentividade’ pelas três referidas correntes linguísticas e, em seguida, propôs-se uma reflexão analítica do verbo ‘dormir’ em Português Brasileiro (PB), observando como a atribuição dos papéis temáticos a seus argumentos faz-se em cada vertente. Como resultados, encontraram-se pontos de convergência e também de divergência, como esperado pelo percurso científico natural (Kuhn, 1997): as três perspectivas concordam no que respeita à importância da relação entre o papel semântico de agente e a função sintática de sujeito, porém tendem a divergir no tocante aos princípios e às considerações semânticas relativas à categoria geral de papel temático. Pretende-se, com este estudo, contribuir para a observação sempre continuada dos diversos modos de estudar Linguística, avançando, assim, a ciência como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência; Linguística; Papéis temáticos; Agentividade.

* Estudante de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, luizalexandreufg@gmail.com

** Professora Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, glaucia_candido@ufg.br

*** Professor Doutor pelo Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, mario.andrecs@ufg.br

ABSTRACT: Considering the relationships between scientific strands of Linguistics, this article aims to present a brief reflection on the way three different linguistic perspectives - namely, Traditional Grammar (Mateus et al., 2003), Generative Linguistics (Chomsky, 1957, 1981) and Cognitive Linguistics (Langacker, 2008) - approach descriptively and analytically the issue of thematic or semantic roles in natural languages. To carry out this work, initially, a brief bibliographical review of the concepts ‘thematic roles’ and ‘agency’ by the three linguistic strands was carried out and, then, an analytical reflection of the verb ‘dormir’ (‘to sleep’) in Brazilian Portuguese (BP) was proposed, observing how the attribution of thematic roles to their arguments is done in each strand. As a result, points of convergence and also divergence were found, as expected from the natural scientific path (Kuhn, 1997): the three perspectives agree with respect to the importance of the relationship between the semantic role of agent and the syntactic function of subject, but tend to diverge with respect to the principles and semantic considerations related to the general category of thematic role. The aim of this study is to contribute to the ongoing observation of the different ways of studying Linguistics, thus advancing science as a whole.

KEYWORDS: Science; Linguistics; Thematic roles; Agentivity.

Introdução

O percurso científico, como se pode observar em todas as formas de ciência, é essencialmente marcado pelo surgimento contínuo de propostas que, ao mesmo tempo que conversam entre si, também se contrapõem em suas particularidades fundamentais e, por isso, podem dar respostas a si mesmas em contrastes definidores dos paradigmas¹ históricos da ciência em questão (Kuhn, 1997).

O referido movimento dialético contrastivo costuma ser mais perceptível nas ditas ciências “novas”², em que discussões sobre os pressupostos gerais da teoria científica ainda circulam frequentemente. No presente texto, tomamos como um exemplo perfeitamente ilustrativo desse fenômeno, a Linguística, tal como definida por Ferdinand de Saussure em seu curso de Linguística Geral ministrado na Universidade de Genebra, no início do século passado (Saussure, 2006).

A ciência, que está centrada nos estudos da linguagem, possui um esqueleto relativamente sólido que, do ponto de vista cronológico, ainda não conta um século de existência. Isso porque, ainda que estudos focados no material linguístico, como a

¹Importante ressaltar que o que se entende como “paradigma” é, sob o ponto de vista de Thomas Kuhn (1997), um compilado de crenças e valores partilhados em uma comunidade específica, os quais são considerados exemplares e, por isso, passíveis de serem prescritos como modelos a serem seguidos.

²De acordo com Casanova (2006, p. 32), o termo ‘ciências novas’ ou ‘novas ciências’ é comumente usado para fazer referência a campos de estudo tais como: as Ciências da Computação, Ciências Cognitivas; a Cibernética, a Biologia Molecular, a Neuropsicologia, a Nanotecnologia, a Inteligência Artificial, dentre outras.

Gramática, a Filologia, a Análise Comparativa e a Filosofia da Linguagem estejam presentes entre nós desde as formações sociais do mundo antigo, a consolidação de um campo científico com parâmetros bem formados, propósitos bem orientados e princípios bem demarcados só foi feita a partir do séc. XX (Câmara Jr., 2011).

Portanto, foi apenas depois da exposição do ponto de vista de Saussure sobre a estrutura “sistema-língua” que a Linguística passou a ser denominada como tal (Saussure, 2006) e os conhecimentos sobre o fenômeno comunicativo humano foram organizados em uma proposta de modelo que pretendia ser englobante. Contudo, como toda ciência, um modelo científico não vem acabado por si próprio. É preciso ter em mente que, em função de suas características de reprodutibilidade e falseabilidade³, ele é confrontado por modelos desafiadores que, se tomam alguns de seus princípios como pontos de partida, chegam a conclusões muito diferentes sobre o fenômeno analisado.

Após o estruturalismo saussureano formal inaugural da Linguística, foi possível conhecer propostas de abordagem linguísticas que ficaram conhecidas como pós-estruturalistas, behavioristas, prescritivistas, gerativistas, funcionalistas, sociolinguistas, pragmatistas, psicolinguistas, cognitivistas, dentre outras. Todas essas propostas, sempre localizadas em seus determinados momentos dos paradigmas científicos da Linguística, apresentaram seus próprios modelos e sugestões e/ou recomendações de análise da linguagem humana, muitos dos quais, ainda hoje, seguem vigentes e debatendo entre si.

De modo geral, distinções entre tais propostas se manifestam em todos os níveis de atuação da linguagem, com uma ou outra proposta centralizando uns ou outros campos, conforme seus pressupostos assumidos: seja na fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática e discurso, cada linha de pesquisa assume, pelas necessidades próprias e em relação ao corpo geral da ciência num determinado momento da história, uma posição específica acerca dos fenômenos abordados. Nisso, podemos assumir que as diferenças encontradas nos estudos de fenômenos específicos manifestam diferenças gerais e abrangentes entre as perspectivas teóricas, bem como as relações entre elas.

Partindo desse cenário instigante de uma ciência ainda tão nova e de possibilidades tão abertas e inscrevendo-se na esteira da Linguística Cognitiva, o presente artigo busca

³ Ambas características são condições ou princípios por meio dos quais o filósofo Karl Raimund Popper discerne o status científico de um estudo ou de uma teoria. Isto é, são princípios que servem para testar o grau de confiabilidade de uma teoria científica e que se opõem ao princípio da ‘verificabilidade’ proposto pelo positivismo lógico (Popper, 1982).

refletir brevemente sobre algumas das diferenças entre certas perspectivas teóricas, consideradas mais fortemente abrangentes entre os cientistas atuais da linguagem, quais sejam: a Gramática Tradicional, por seu papel na difusão popular e educacional de uma prescrição linguística padronizada; o Gerativismo (Chomsky, 1957, 1981), por seu caráter formal e sua ampla aceitabilidade no meio acadêmico, bem como pela popularização do fazer científico linguístico; e o Cognitivismo (Langacker, 2008), por sua relativa novidade em comparação com as outras perspectivas e seu caráter funcional, orientado ao uso e enquadrando a linguagem no meio social.

Observando a importância do confronto contínuo entre as propostas teóricas para que o progresso científico continue seguindo em frente e tendo em mente que as diferenças são sempre bem percebidas quando concentradas em aspectos específicos de análise, o objetivo deste artigo é observar as contribuições recíprocas das três perspectivas selecionadas ao estudo do fenômeno dos papéis temáticos em Português-Brasileiro (doravante PT-BR), observando, especificamente, os papéis temáticos selecionados pelo verbo ‘dormir’, em seu sentido mais corrente, qual seja, o de estar sujeito ao sono.⁴

A escolha dos papéis temáticos como o problema a ser analisado não é exatamente fortuita, pois adentra o complexo campo da interação entre Sintaxe e Semântica; certas linhas teóricas preferem a separação categórica entre os campos, como o Gerativismo,⁵ outras preferem integrá-los numa relação indissociável, como a Linguística Cognitiva, na qual nos inscrevemos, e os campos, de um jeito ou de outro, se relacionam com o campo geral da Gramática Tradicional normativa, por seu caráter difusor dos estudos da linguagem. Sendo, portanto, um fenômeno amplamente perceptível na linguagem corrente, uma vez que constitui a realização da língua por meio do conjunto nome-verbo e que manifesta os princípios guiadores de cada teoria que o analisa, a agentividade de um verbo específico como ‘dormir’ é um produtivo objeto de reflexão sobre os caminhos da Linguística desde sua fundação.

⁴O interesse pelo verbo ‘dormir’, especificamente, veio a partir de uma aula de Tópicos em Descrição e Análise Linguística no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG, em que houve uma reflexão breve, mas que muito nos instigou, sobre o caráter do papel do sujeito do verbo: o sujeito que dorme é Agente ou Paciente? É efetuator de uma ação ou a entidade que sofre a ação pelo verbo? Ou teria, ainda, um outro papel que não o de Agente ou Paciente?

⁵ Em versões posteriores da sintaxe gerativista, como na Teoria de Governo e Ligação (Chomsky, 1981) e no Programa Minimalista (Adger, 2003), entende-se que sintaxe e semântica ainda são módulos da gramática separados, que, porém, mantêm estreita relação entre si.

1 As propostas teóricas

Para que possamos estudar um verbo específico com relação a um aspecto gramatical delimitado a partir de três visões diferentes, cabe, primeiramente, revermos o que cada visão tem a dizer sobre esse aspecto; no que constitui o estudo dos papéis temáticos na Gramática Tradicional, no Gerativismo e no Cognitivismo? Para que possamos chegar aí, devemos falar sobre a concepção de papéis temáticos.

1.1 Papéis temáticos

Um papel temático pode ser entendido como uma atribuição semântica de um verbo a um argumento, constituindo, pois, parte do significado conceitual desse verbo. Nos diz Cançado (2005), em seu *Manual de Semântica*, “os papéis temáticos, quando vistos sob uma ótica semântica, também são assumidos como representações mentais; são noções que dizem respeito à ligação entre um conceito mental e sentido”. (Cançado, 2005, p. 109)

Conquanto a definição da autora faça uso de um arcabouço teórico inclinado ao cognitivismo, sua definição pode ser ampliada a diversas concepções de linguagem, na medida em que trata o papel temático como parte integrante do verbo e que conduz a sentença ao seu significado pretendido, orquestrando a relação entre os componentes verbais, nominais e preposicionais de modo que cada item exerça, de fato, um determinado *papel*.

Outros autores, como Levin e Rappaport Hovav (2005), em sua pretensão de uma generalização da atuação dos papéis temáticos, os definem como um conjunto limitado e primitivo de conceitualizações semânticas que seriam distribuídas nas orações em uso na língua, com base na interação; assim, os papéis são elementos alinhados ao eixo sintagmático da língua, utilizando o conceito de Saussure (2006), uma vez que cada papel é atribuído a partir do verbo posto na realização sintagmática da língua numa oração.

Considerando o fato de haver um conjunto limitado de atuação dos argumentos numa oração, nota-se, desde o surgimento do conceito, a existência de tentativas continuadas de uma listagem dos papéis temáticos observáveis e possíveis nas línguas. Perini (2019), em seu manual *Sintaxe*, oferece uma extensa lista de papéis temáticos (chamados, também, de papéis semânticos), e, aqui, colocamos cinco dos papéis listados

pelo autor, seguidos de exemplos nos quais o item destacado corresponde ao papel temático listado:

- I- Agente. Ex: “**O rapaz** chutou a bola.”
- II- Paciente. Ex: “O cozinheiro fez **o bolo**.”
- III- Experienciador. Ex: “**A mulher** gosta muito do homem.”
- IV- Instrumento. Ex: “Ele cortou a madeira com **um serrote**.”
- V- Possuidor. Ex: “**João** tem um carro.”

Vê-se como cada elemento destacado nos itens I-V corresponde a um determinado papel, o qual atua no significado do verbo, conforme a relação argumentador-argumento. É exatamente essa função específica que denominamos “papel temático”.

1.2 Agentividade

Se nos concentrarmos especificamente nos papéis de agente e paciente, podemos observar que estes parecem conter uma relação de certa complementaridade. Isso porque o agente atua em alguma medida sobre o paciente, a partir do significado do verbo, o modificando de acordo com sua atuação sobre ele. A essa atuação de um Agente sobre um Paciente, denominamos **agentividade**, constituindo, portanto, o caráter **agentivo** do nome em relação à oração em que aparece ordenado pelo verbo que atribui a ele seu papel.

A questão dos papéis temáticos e da agentividade foi tratada extensamente ao longo da literatura linguística, sendo consolidada, assim, nos manuais escolares que fazem uso da gramática tradicional prescritiva. A essa gramática tradicional (doravante GT) devemos as definições mais sucintas e clássicas dos papéis temáticos, que pretendem simplificar a questão a fim de contribuir para o ensino da língua. Vejamos como a *Gramática da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Mira Mateus *et al.* (2003) define o papel temático de agente: “Agente é o papel temático do argumento que designa a entidade controladora, tipicamente humana, de uma dada situação. (i) Ex: A *Joana* cortou o bolo” (grifo das autoras, Mateus *et al.*, 2003, p. 187).

Há aí, portanto, uma definição que faz uso de um critério semântico volicional, uma vez que determina a entidade agentiva como controladora, e racional, estabelecendo o humano como o agente típico. Peguemos uma outra definição, também inspirada na GT, por Cerqueira (2017): “aquele que faz/executa uma ação voluntariamente. Tipicamente atribuído a seres animados, especialmente humanos. Equivale ao Sujeito”.

Essa definição é muito interessante, pois, além de reforçar o critério volicional da definição anterior, acrescenta uma que aparentemente foge aos domínios da semântica propriamente dita e atinge a sintaxe: *Equivale ao sujeito*.

Essa mesma noção que integra a sintaxe da oração à semântica do verbo aparece em Perini (2019), mencionado anteriormente, numa visão interpretativa do significado de sujeito. Entretanto, como ainda afirma o referido autor,

como se pode ver, as funções sintáticas se relacionam de maneira imediata com papéis semânticos, e é esse relacionamento que possibilita a ligação entre forma e significado: o receptor de uma sentença precisa identificar as funções sintáticas [...] e ligar cada uma delas a um papel semântico, o que constitui parte de sua compreensão da sentença (Perini, 2019, p. 49).

E, logo em seguida, diz: “Das frases vistas acima, podemos deduzir algumas regras de interpretação, como: o sujeito exprime o Agente, o objeto exprime o Paciente.” (*ibidem*). É importante aqui destacar que Perini não reduz as definições de sujeito e agente a uma sinonímia; suas regras são interpretativas e pretendem ilustrar a *tendência* geral da língua, mas essas mesmas regras interpretativas de Perini são assumidas como regras descritivas e prescritivas pela GT, de modo que o Agente é descrito por ela como idêntico ao sujeito, e responsável intencional e humano pela ação do verbo; a noção de Paciente, intuitivamente complementar à de Agente, não é mencionada nessa relação.

Para a Gramática Gerativa, inaugurada por Chomsky (1957) e com uma centralidade propositada no estudo da sintaxe em detrimento aos outros níveis da língua, a discussão dos papéis temáticos ficou, por muito tempo, ignorada ou desvinculada do programa de pesquisa geral. Somente em Fillmore (1968) vemos um tratamento inicial da noção, integrada em sua Gramática de Casos, pretendendo encontrar universais linguísticos que correspondem à atuação sistemática dos elementos da língua em suas relações com os verbos dessa mesma língua.

Fillmore (*ibidem*), nesse trabalho paradigmático que se põe como um dos pioneiros nos estudos semânticos do gerativismo, propõe que a organização semântica da sentença, localizada na *estrutura profunda* do mecanismo linguístico do sujeito, consistiria em “um V e um número de NPs carregando etiquetas relacionais especiais

(casos) com relação à sentença⁶” (Fillmore, *ibidem*, p. 54, tradução nossa). A noção de Agente é substituída pelo caso Agentivo, correspondendo à atribuição da função semântica de fonte da ação do verbo, atribuição portada pelo verbo em sua entrada lexical.

Nota-se, mesmo aqui, a extensão da primazia da sintaxe em relação à semântica: o papel temático, intuitivamente carregado de significado conceitual, por se relacionar diretamente à distribuição organizacional do sentido da sentença, é, aqui, uma noção abstrata e cujo significado não está em si mesma, mas nos verbos e nas seleções que eles fazem dos elementos necessários à sentença. O conteúdo da estrutura profunda chomskyana (1965), assim, é recebido pelo mecanismo sintático da mente e os elementos são organizados e distribuídos conforme a parametrização própria de cada língua. Para o PT-BR, o Agente corresponderia, assim, à marcação do elemento etiquetado pelo caso Agentivo profundo, posicionado à esquerda do verbo, e mesclando-se com a função de sujeito, por ser o caso mais hierarquicamente alto (Fillmore, 1968), sendo colocado como a fonte pela qual se origina ação.

Propostas teóricas posteriores da sintaxe gerativa, como a Teoria de Governo e Ligação (Chomsky, 1981) e o Programa Minimalista (Adger, 2003), apesar de definirem os papéis temáticos não como caso, ainda mantêm a noção de que esses são propriedades dos predicados. Predicados monoargumentais, podem, ainda segundo estas propostas, atribuir um papel temático de agente para verbos *inergativos* ou de tema para verbos *inacusativos*. De qualquer maneira, têm-se, por consequência, a manutenção de que um predicado atribuirá *um ou outro* papel temático ao seu argumento, não sendo permitida uma atribuição variável, definida contextualmente.

Para a Linguística Cognitiva, de orientação funcional, a situação muda: a semântica retorna do afastamento gerativo e se integra, definitivamente, à sintaxe, esta agora entendida como uma interface simbólica entre som e significado (Langacker, 2010). A língua é aqui um mecanismo apreendido pela experiência e de separações pouco categóricas, em que as generalizações não podem, frequentemente, ser elevadas a regras definitivas sobre a realização dos elementos na língua (Givón, 2012).

Podemos, então, retornar a Perini, em suas observações da formação *tendencial* da língua PT-BR, em que o sujeito *tende* a corresponder ao Agente da oração, mas não necessariamente irá corresponder-lhe. Essa tendência, ainda, é explicada funcionalmente,

⁶Do original: “a V plus a number of NPs holding special labeled relations (cases) to the sentence.”

na medida em que o sujeito tende a ser posicionado mais à esquerda do verbo, por sua saliência cognitiva na recuperação da informação pelo participante da comunicação (Givón, 2012), e essa mesma saliência é observada pela categoria semântica de Agente, que, no PT-BR, carrega um maior peso de tópico sentencial, e frequentemente aparece como uma entidade carregada de intenção e humanização.

Aqui, há, portanto, uma gradação e uma potencialidade agencial (Franchi e Cançado, 2003), mais do que um pertencimento categórico do nome ao papel de Agente, conforme selecionado pelo verbo; determinados verbos, especialmente os de processo, selecionam um Agente mais típico, ou prototípico, que corresponderia fortemente à definição da GT sobre o papel temático de Agente: um elemento mais controlador da ação, mais humano, mais carregado de intenção, que tem papel preponderante no desencadeamento do processo verbal (*ibidem*). Outros verbos selecionariam Agentes menos típicos, em que uma ou outra característica seria menos visível, ou sequer apareceria; seja o controle da ação, a volição, o caráter humano etc.

O próprio termo ‘agente’ é, aqui, preferencialmente evitado por autores como Franchi e Cançado (*ibidem*), que preferem definir a macrofunção de “causa” como o elemento mais geral da organização sentencial que englobaria papéis temáticos como Agente e Causa; outros autores cognitivistas, como o próprio Fillmore (1982), após se afastar do gerativismo, aprimora a noção de papéis temáticos para solidificar sua semântica de *frames*, em que cada verbo acionaria uma estrutura cognitiva sistemática que organizaria os participantes da cena de acordo com sua semântica particular (*ibidem*). O nome Agente, assim, seria a generalização da recorrência de certos papéis de certos participantes ligados a verbos de processo. É interessante notar que a noção de Paciente é mais relacionada, aqui, com a de Agente, uma vez que é entendida como o papel temático correspondente ao elemento localizado no final do processo verbal; um, portanto, frequentemente acompanha o outro.

Chegamos, assim, a uma síntese das concepções das três perspectivas abordadas:

- a GT, com sua padronização prescritiva e que determina o Agente como sempre volitivo, controlador e humano, e correspondente ao sujeito;
- a Gramática Gerativa, com a noção de Agentividade como um caso gramatical atribuído por um rótulo afixado pelo verbo, e organizado na sentença pela sintaxe;

- a Gramática Cognitiva, com uma visão não-categorica de papéis temáticos e que entende o Agente como um conjunto de generalizações observadas pela função dos elementos na sentença.

Agora, podemos passar a uma ilustração de cada perspectiva a partir da reflexão sobre o verbo ‘dormir’.

2 O CASO DO VERBO ‘DORMIR’

Como abordaremos um componente relacionado ao estudo do significado, convém iniciar a sessão com uma definição dicionarizada do verbo ‘dormir’, em seu sentido prototípico, relacionado ao sono⁷, do dicionário *online* Priberam:

dormir

(dor·mir)

Conjugação: irregular. Particípio: regular.

Verbo intransitivo

1. Estar entregue ao sono (Ex.: Os filhos já estavam a dormir.).
2. Estar em repouso; conservar-se imóvel.

Agora, outras definições, do dicionário online Michaelis:

dormir

dor·mir

vint

1 Descansar em estado de sono; encontrar-se no estado natural de descanso inconsciente e de inação orgânica que acontece de forma cíclica e se alterna em estágios leves e profundos; estar adormecido, fazer nana, nanar: *Silêncio, o bebê está dormindo.*

vint

2 Pegar no sono; adormecer: *A criança finalmente dormiu.*

vtd

3 Descansar no sono; repousar: *Dormiu um sono tranquilo.*

Vemos que ‘dormir’ tem sua definição mais clássica como um verbo intransitivo, ou seja, que conta somente com um argumento, que, de acordo com os padrões

⁷ As duas definições aqui trazidas são de dicionários online, selecionados por sua posição principal no momento de busca do verbete pela ferramenta Google.

posicionais do PB, corresponde ao sujeito que antecede o verbo (isso não ocorre sempre, como podemos observar em construções ergativas⁸, mas aqui não as abordaremos). Nisso, já podemos determinar o caráter dos papéis temáticos definidos pelo verbo de acordo com as três perspectivas apresentadas. Tomemos o seguinte exemplo:

(a) O garotinho dormiu.

Pela GT, se se considera a correspondência completa entre sujeito e Agente, bem como atribui ao Agente o caráter volitivo, controlado e humano, não há outro papel temático a ser atribuído aqui a ‘o garotinho’ em (a) senão o de Agente. Vejamos se o mesmo se sustenta quando ‘dormir’ é acompanhado de outro elemento sintático que não apenas o de sujeito do verbo:

(b) O garotinho dormiu por duas horas.

Aqui, apesar do acréscimo do segundo elemento sintático, ocupando a função sintática de adjunto adverbial de tempo, não há mudança de papel temático, pelo contrário; ‘o garotinho’ continua correspondendo ao Agente, contrapondo a noção intuitiva do falante de que o sujeito que dorme é um Paciente da ação. Além disso, ‘por duas horas’ corresponde o papel de **Tempo**, não abordado aqui mas tratado por Perini (2019), e que delimita o decorrer da ação a um intervalo específico de tempo, de modo que essa delimitação colabora ao efeito de controle da ação pelo sujeito, o que aumenta seu caráter agentivo. Basta comparar (b) com uma frase como a seguinte, com um verbo mais marcadamente agentivo, e que possui mesma estrutura sintática, aproximando-os:

(c) O garotinho correu por duas horas.

Pela GT, portanto, parece relativamente claro: por sua estrutura sintática e semântica que atribuem ao verbo um controle da ação, um caráter humano e volitivo, e por se aproximar de estruturas paralelas que contém verbos agentivos, ‘dormir’ cobra um Agente, que também ocupa a posição de sujeito do verbo, corroborando as observações interpretativas de Perini (*ibidem*).

Pela Gramática Gerativa, a discussão é menos clara, e precisamos recorrer às entradas lexicais de ‘dormir’, para sabermos que tipo de caso é atribuído aos argumentos numa estrutura oracional do PT-BR que contém o verbo; em PT-BR, a marcação de caso

⁸Construções do tipo: “Furou o pneu”, ou “Quebrou o vidro”, em que o sujeito é transplantado para a posição correspondente ao objeto direto. Para um olhar inicial sobre as ergativas em PT-BR, confira Nascimento (2014).

(fazendo uso da terminologia gerativa de Fillmore (1968)), não é feita morfológicamente, mas posicionalmente e contém, naturalmente, uma atribuição semântica do verbo.

Se retomarmos a noção de caso Agentivo posta na seção anterior, vemos que a ele corresponde a função de fonte da ação verbal e, também, a organização posicional anterior ao verbo e a correspondência à noção de sujeito, em PT-BR, caso não conflita com outros casos (Como o Instrumentativo e o Objetivo (Fillmore, *ibidem*)). Sendo assim, a situação não é muito diferente da GT, se analisarmos as frases (a) e (b): ‘dormir’ é posicionamento colocado após o ‘o garotinho’, que ocupa a posição tradicional de sujeito da oração. Essa distribuição posicional, corroborada ao fato de que (a) não contém nenhum outro argumento, e (b) contém somente um elemento que não pode ocupar a posição de sujeito por se tratar de uma locução adverbial, confere a ‘o garotinho’ a função subjetiva da oração. Ainda, pelo significado da sentença, retirado das condições interpretativas e da definição de ‘dormir’ acima referida, garante que a origem da ação verbal parte do sujeito da sentença, não conflitando com nenhum outro caso possível. A situação não muda mesmo se construirmos sentenças com mais elementos, que, no máximo, apenas se unem ao sujeito ‘o garotinho’ compondo um sujeito complexo:

(d) O garotinho e seu irmão dormiram a noite inteira.

(e) O garotinho dormiu na cama.

(d) O garotinho dormiu um sono tranquilo a noite inteira.

(f) O garotinho e seu irmão dormiram um sono tranquilo a noite inteira.

? (g) Dormiu o garotinho a noite inteira.

De (a) a (f), como vemos, o papel temático do sujeito continua sendo o de Agente, portando o caso Agentivo, marcado sentencialmente pela sua distribuição sintática em relação aos outros membros da sentença. As condições posicionais, semânticas e sintáticas garantem essa classificação, que não se altera com o aumento dos elementos da sentença, ou a complexidade do sujeito, de modo que, para a Gramática Gerativa, em suas primeiras versões, ‘dormir’ impõe um agente. Essa imposição é tão fortemente marcada que em (g) ficamos em dúvida sobre a validade ou não da sentença, após uma mudança posicional do verbo em relação ao sujeito. Essa dúvida é a garantia da naturalidade, na fala, das posições convencionais conferidas por um verbo agentivo ao seu sujeito.

As versões subsequentes da Teoria Gerativa (Chomsky, 1981; Adger, 2003) também não dão conta dos fatos. Um verbo biargumental terá de atribuir o papel de agente

(ou de experienciador) e tema aos seus dois argumentos, enquanto um dos dois papéis será atribuído ao único argumento de um verbo monoargumental. A definição de qual o papel temático (s-seleção) será atribuído é de natureza semântica e lexical, segundo a teoria, apesar de uma ou outra escolha levar a repercussões nas estruturas sintáticas. A rigidez se mantém, porém: se se considera ‘dormir’ um verbo inergativo, seu sujeito deve receber o papel de agente; se é um verbo inacusativo, deve receber o papel de tema. Porém, um mesmo verbo não pode selecionar argumentos com diferentes papéis temáticos e, desta forma, a teoria não consegue captar as nuances semânticas apresentadas nos exemplos em (d)-(g).

Na Linguística Cognitiva que vemos algo um pouco diferente, justamente por sua posição contrária com relação a categorias rígidas e bem estabelecidas: aqui, a questão é de grau. Observemos novamente a sentença (a): “O garotinho dormiu”. Podemos concordar que o verbo ‘dormir’ conceitualiza uma determinada ação recortada no tempo, completamente delimitada por estar colocada no pretérito perfeito; a ação começou, decorreu e encerrou. Não há, aqui, um estado final que se diferencie substancialmente do estado inicial, de modo que a ação localizada é entendida como efetuada pontualmente por uma determinada entidade que não a realiza sobre nenhuma outra; ou, falando mais simplesmente, não há uma entidade modificada, ou transformada pela ação.

Com relação às outras sentenças, a situação tem certas mudanças: em (b) ainda há a permanência de estado, e o recorte temporal é ainda mais delimitado pelo adjunto adverbial, não havendo um outro elemento potencialmente modificado pelo verbo que não o próprio sujeito. Em (c) há o acréscimo de um elemento locativo, que situa a ação e, por esse mesmo caráter situacional, ajuda a delimitá-la com relação à sua natureza; a ação ocorre num tempo e espaço definidos, e não há a transformação transitiva da ação de um elemento a outro, contida ainda, apenas, a ‘o garotinho’. Em (d) vemos a maior transformação do papel temático do sujeito, conforme o acréscimo de ‘um sono tranquilo a noite inteira’: o elemento novo acrescido diz respeito diretamente ao estado físico e psíquico do sujeito da ação, de modo que aqui este é, inevitavelmente, alvo da natureza da ação; ‘dormir’ se efetua sobre ‘o garotinho’, o que o aproxima de um Experienciador. Em (f), a complexidade maior do sujeito não interfere na transitividade particular do verbo ou aos pontos levantados nas sentenças anteriores, de modo que se permanece um sujeito que pende entre o Agente e o Experienciador; Agente pelas considerações semânticas

próprias do verbo, que impõe um sujeito controlador, volicional e delimitador da ação, e Experienciador por estar no lugar de transformação efetuada pelo verbo, cuja ação modula seus estados internos e externos, como vimos em (d). Com relação a (g), a estranheza permanece, dada a posição pouco usual na língua dos elementos da sentença, o que também favorece a proximidade com relação a Agente.

Para que fique clara essa posição nebulosa do papel temático atribuído ao sujeito do verbo ‘dormir’, apresentaremos abaixo uma comparação deste verbo com outros em que os respectivos sujeitos são claramente Agentes ou Experienciadores:⁹

- (h) O homem dormiu por duas horas.
- (h') O homem trabalhou por duas horas. ← *agente, adjunto temporal*
- (h'') ?O homem temeu por duas horas. ← *experienciador*
- (h''') *O homem desejou por duas horas. ← *experienciador*
- (i) *O homem dormiu de propósito.
- (i') O homem trabalhou de propósito.
- (i'') *O homem temeu de propósito.
- (i''') *O homem desejou de propósito.

Note-se que em (h') e (i') o sujeito é claramente um Agente. Por outro lado, em (h''), (h'''), (i'') e (i'''), encontra-se um sujeito com papel de experienciador. A gramaticalidade de sentenças com o verbo ‘dormir’ varia, com um comportamento ora se alinhando com verbos agentivos, como em (h), ora se alinhando com verbos de experiência, como em (i), a depender do tipo de adjunto encontrado na oração.

Se a relação entre Agente e Paciente interessa à Linguística Cognitiva, uma vez que são entendidas como complementares, e se aqui não há uma entidade mais correspondente ao Paciente, e há apenas uma entidade, pode-se supor que ela corresponda ao Agente. Não há um estado final transformado, ou uma sensação experienciada, ou um tema cuja existência é a fonte de alguma mudança de estado da entidade principal da ação. Há apenas uma ação, cuja realização pode ser atribuída ao único elemento da cena, que possui controle, volição, e intenção sobre a ação; pois, em PT-BR, quando queremos nos referir a uma situação de um sono indesejado ou não intencionado, frequentemente utilizamos construções como “caiu de sono”, ou verbos outros como ‘desabou’, ‘apagou’,

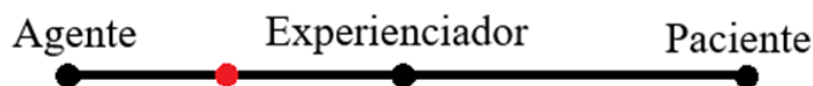
⁹ Agradecemos a um/a dos/as pareceristas anônimos/as pela sugestão de uma comparação entre o verbo ‘dormir’ com verbos com sujeitos agentes e experienciadores.

etc. O ‘dormir’ é, por sua própria representação semântica organizada cognitivamente a partir de nossas experiências em nossos meios culturais, um verbo volitivo.

Mas, ao mesmo tempo, há certas características no verbo que complexificam a questão: a entidade responsável pela realização da ação é, ao mesmo tempo, a que sofre o efeito da ação. Mesmo que não seja substancialmente transformada, e mesmo que os estados inicial e final sejam próximos no que tange à sua configuração no mundo, a entidade foi, de fato, posta sob um determinado evento que se alongou num tempo limitado; um evento que, se não a transforma, no mínimo a afeta psicológica e fisicamente, de modo que o papel temático de Experienciador nos é, aqui, novamente atraente.

Como resolvemos então a questão? Podemos propor não uma atribuição categórica de fato, mas um modo de visualização do papel temático do sujeito do verbo ‘dormir’, fazendo jus à perspectiva cognitiva:

Figura 1: posição de 'dormir' na escala de papéis temáticos



Fonte: elaborada pelos autores

Representamos uma escala dos papéis temáticos, em que os pontos nas extremidades e no meio sinalizam os casos mais prototípicos: o Agente ideal, o Experienciador ideal, e o Paciente ideal. A posição do Experienciador entre Agente e Paciente parece convincente: ele é o papel temático que mais parece corresponder a um equilíbrio entre os papéis, na medida em que corresponde à entidade cujo organismo gera em si mesmo um determinado estado físico ou psicológico (o que o aproxima do Agente, por sua característica de efetuator do processo verbal), mas cuja geração é motivada por outra entidade, fora de seu controle (o que o aproxima do Paciente).

O ponto em vermelho, na imagem, corresponde ao papel temático do sujeito do verbo ‘dormir’, entendido aqui como um argumento cuja descrição semântica não pode ser exatamente categórica; ele contém traços de Agente mas também contém traços de Experienciador, e a escolha definitiva por um ou por outra correria o risco de apagar certas

qualidades de sua participação na ação verbal. Preferimos, pois, colocá-lo como uma entidade cujo papel é gradiente, difuso, mas, ainda assim, descritível.

Considerações finais

Um mesmo problema pode ser abordado por diversas perspectivas de uma mesma ciência, especialmente quando a referida ciência ainda é tão nova e vivencia suas explosões iniciais de princípios, métodos e análises; a Linguística, conforme se pretendeu refletir nesse artigo, é uma tal ciência, e o estudo dos papéis temáticos ilustra bem a forma como as diferentes vertentes teóricas tanto discordam quanto concordam entre si em alguns de seus vários postulados, sempre num percurso progressivo dialógico e dialético.

Ilustramos aqui a forma como o papel temático de Agente é tratado tanto pela Gramática Tradicional, quanto pela Linguística Gerativa e pela Linguística Cognitiva, na análise do verbo ‘dormir’. Pelas breves linhas que aqui discorremos, pudemos observar o seguinte: as três perspectivas concordam, até certo ponto, na interação entre o papel temático Agente e a função sintática de sujeito, diferindo somente na determinação desse grau de interação; para a GT e a Gerativa, a relação é categórica: um Agente sempre será o sujeito de uma oração que contém o verbo ‘dormir’. Para a Cognitiva, o Agente tenderá à marcação de sujeito, mas não necessariamente haverá a correspondência completa, consideradas as complexidades dos mecanismos cognitivos humanos, e a forma como esses mecanismos atuam na linguagem.

Além disso, os aspectos semânticos do Agente interessam às três perspectivas; para as três, ele é a origem do processo verbal, por controlar a ação do verbo; para a GT e a Cognitiva, ele é uma entidade volitiva e humana — necessariamente, para a GT, e tendencialmente, para a Cognitiva. As diferenças entre as perspectivas, conquanto essenciais na constituição de seus objetivos e demandas particulares (num nível ainda maior quando se considera a intenção disciplinar da GT em comparação às outras duas), não manifestam absolutas contrariedades; a ciência, assim, permanece como um curso coerente e cujos desenvolvimentos são marcados por paradigmas que não anulam sua história geral (Kuhn, 1997).

REFERÊNCIAS

- ADGER, D. **Core Syntax: A Minimalist Approach**. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- CAMARA JR, J. M. **História da Linguística**. 7º Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CANÇADO, M. **Manual de Semântica: Noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- CANÇADO, M.; FRANCHI, C. Teoria generalizada dos papéis temáticos. **Revista de Estudos da Linguagem**, [S.I.], v. 11, n. 2, dezembro de 2003, p. 83-123. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2370>. Acesso em: 22/10/2023.
- CASANOVA, P. G. **As novas ciências e as humanidades: da academia à política**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- CERQUEIRA, P. G. O que é Papel Temático? **Gramática e Cognição**, 2017, disponível em: <https://gramaticaecognicao.com/papel-tematico/>. Acesso em: 20/10/2023.
- CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. Mouton: The Hague, 1957.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- DORMIR. In: **Dicionário Priberam de Língua Portuguesa**. 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/dormir>. Acesso em: 12/12/2023.
- DORMIR. In: **Michaelis**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=dormir>. Acesso em: 12/12/2023.
- FILLMORE, C. The Case for Case. In: E. Bach & R.T. Harms, eds., **Universals in Linguistic Theory**. New York: 1968.
- GÍVON, T. **A compreensão da gramática**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta, Filipe Albani. São Paulo: Cortez Editora, 2012.
- KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1997.
- LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar: a basic introduction**. New York: Oxford University Press, 2008.
- LEVIN, B; RAPPAPORT HOVAV, M. **Argument Realization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. Alfragide: Editorial Caminho, 2003.

NASCIMENTO, S. H. N.. Os verbos inacusativos do Português Brasileiro: uma proposta de categorização. **D.E.L.T.A.**, v. 30, n. 2, 2014, p. 237-256.

PERINI, M. A. **Sintaxe**. São Paulo: Parábola, 2019.

POPPER, K. R. **Conjecturas e refutações: o progresso do conhecimento científico**. Brasília: Editora da UnB, 1972.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27^o Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.